

O CONSUMO E A CIDADANIA: O PAPEL DA HISTORIOGRAFIA EM UMA SOCIEDADE PÓS-MODERNA

CONSUMPTION AND CITIZENSHIP: THE CHALLENGES OF HISTORIOGRAPHY IN A POST-MODERN SOCIETY

Felipe Radünz Krüger¹

Mario Marcello Neto²

RESUMO: O presente estudo discute como o consumo e a cidadania são percebidos através de uma dicotomia estabelecida pela crise das utopias no fim do século XX, na qual o consumo passa a ser a característica principal da produção historiográfica e de existência dentro da nação. Apresenta-se uma discussão sobre o presentismo, o atualismo e as práticas nas quais o consumo sobrepõe a cidadania e impõe à historiografia, uma demanda que impede a construção de projetos de intervenção mais justos e democráticos em relação ao presente e o futuro. Conclui-se, assim, que cabe aos historiadores politizarem suas narrativas e adotarem uma postura ética que busque compreender o conceito de pós-modernidade de forma mais ampla para que as lógicas estabelecidas pelo capitalismo tardio possam ser desveladas, expondo as feridas históricas e utilizando o passado para fins práticos.

PALAVRAS-CHAVE: Consumo, Pós-modernidade, Capitalismo Tardio, Presentismo, Atualismo

ABSTRACT: This paper discusses how consumption and citizenship can be perceived in a dichotomy established by the crisis of utopias at the end of the 20th century, in which consumption becomes the main characteristic of historiographic production. In this sense, we present a discussion on how presentism and updatism help to think and diagnose practices in which consumption overlaps citizenship and imposes on historiography a demand that

*Este artigo é derivado das discussões realizadas na tese de doutorado em História intitulada: “De que passado nós lembramos: uma reflexão sobre a representação do passado nas histórias em quadrinhos, na literatura, nos filmes e nos videogames” de Felipe Radünz Krüger, defendida em 2020, na Universidade Federal do Rio Grande do sul (UFRGS). Acrescido de uma série de novas reflexões que foram inseridas por Mario Marcello Neto, o presente artigo é resultado de uma análise ampla e inédita da temática pelos dois autores em questão explorando o pensamento iniciado na tese supracitada

¹ Professor da educação básica e doutor em história pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – feliperadunz@gmail.com.

² Professor da educação básica e doutor em história pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – mariomarceloneto@yahoo.com.br.

prevents the construction of intervention projects in the fairer and more democratic present. We conclude that it is up to historians, as an alternative to this context, to politicize their narratives and adopt an ethical posture that seeks to understand the concept of postmodernity in its broadest way so that the logics established by late capitalism can be unveiled, exposing the historical wounds.

KEYWORDS: Consumption, Postmodernity, Late Capitalism, Presentism, Actualism

Introdução

Nas linhas a seguir apresenta-se uma discussão sobre a lógica neoliberal do consumo e os dilemas que isso implica no fazer historiográfico na sociedade contemporânea. Para realizar tal discussão, foi organizado o texto em quatro partes. Neste primeiro momento do texto, discute-se como a ideia de pós-modernidade segundo o conceito fundamentado por Jameson (2002), pode auxiliar a produção historiográfica, uma vez que, compreendendo a fragmentação de discursos universais fundamentados no Iluminismo, compreendem-se as lógicas econômicas de comercialização do passado. Assim sendo, os historiadores podem intervir de maneira mais incisiva na realidade, problematizando as lógicas imposta pelo capitalismo tardio, propondo uma desaceleração do tempo a partir do desvelamento das práticas neoliberais sobre a produção historiográfica.

O segundo momento, foi realizada uma discussão sobre o que significa o consumo e como ele afeta a lógica social e as demandas pelo passado nas sociedades contemporâneas, por isso as reflexões apresentadas por Dipesh Chakrabarty (1992) fazem-se importantes. O autor indiano apresenta pontos importantes sobre como o consumo, introduzido pelo sistema capitalista em todo o globo em meio à crise de identidade do Estado-Nação, contribui para tornar o passado uma *commodity*, algo que possa ser vendido, negociado e, por consequência, fabricado. Aqui se discute, também, o papel da historiografia ante a dimensão construída pelo capitalismo.

Na terceira parte, constrói-se um argumento em torno da noção de atualismo, formulada por Valdeci Araújo e Mateus Pereira (2018), para

compreender como as sociedades do século XXI organizam a percepção do tempo e constroem uma temporalidade que busca estar em constante inovação, atualização, na qual o novo é a modificação do atual, mas não é algo completamente inédito.

Na sociedade contemporânea, argumentam os autores, o futuro pode apresentar projetos otimistas na qual o consumo esteja no centro das atenções, sendo este possibilitado a partir de práticas atualistas (que buscam tecnologias e serviços com intuítos “inovadores” que buscam uma novidade como o cerne de sua mercantilização) e obsoletas (com um discurso retrógrado, que tendem a ter uma nostalgia do passado). Neste texto, enfatiza-se a vertente obsoleta do atualismo e como ela se estrutura a partir da ideia nostálgica da “moda retro”. Para isso, são analisados alguns casos em que o passado é vendido como algo comprável e reconstruível, porém sempre como um acessório extra, um fetiche de um passado idealizado. Assim sendo, a historiografia tem suas demandas pautadas por lógicas consumistas, ou seja, as demandas de memória e as discussões sobre a temporalidade tem a lógica capitalista em seu cerne, contemplando tropos que podem ser entendidos a partir de uma perspectiva mais crítica, como é analisado a seguir.

No quarto tópico analisam-se as discussões historiográficas relacionadas à noção de presentismo, pensada por François Hartog (2013), a qual permite compreender a sociedade do pós-Segunda Guerra Mundial. Pensando, sobretudo, a partir de 1970 com o *memory boom* e sua explosão de práticas memorialísticas. Ressaltando que nem sempre o rememorar é acompanhado de uma reflexão crítica, incluindo aqui a própria historiografia. Dessa forma, a “morte das utopias”, no fim do século XX, serve de pretexto para que os futuros presentistas e atualistas tornem-se distópicos ou, no mínimo, questionáveis. Por isso, nesta parte do texto busca-se compreender como a historiografia pode engajar-se para usar o passado, como apresenta Hayden White (2018), para fins práticos, na construção de projetos de intervenção no presente e construção de futuros mais democráticos e em busca de justiça social.

Para isso, argumenta-se que é essencial entender que a historiografia não é neutra, muito menos objetivista, ou seja, o historiador precisa intervir nas narrativas sobre o passado de forma ética e política, mobilizando seus argumentos a partir de uma perspectiva de construções de narrativas do passado que realcem valores que não aqueles defendidos numa lógica de consumo. Assim sendo, como forma de fundamentar a conclusão, são salientadas as noções de democracia, de direitos humanos e de justiça social que devem fazer parte da prática historiográfica.

Pós-modernidade: práticas historiográficas em um contexto de memorialização

É preciso compreender que alguns fenômenos de resposta ao *memory boom*, ou seja, práticas de rememoração e supervalorização das memórias catapultadas após a Segunda Guerra Mundial são internacionalizadas e, a depender do contexto em que estão inseridos, recebem reações que tendem a alcançar similaridades interessantes. Bervernage e Lorenz levantam uma questão muito recorrente nas últimas décadas: as comissões da verdade, políticas de reparação, desculpas oficiais, comissões de conciliação histórica, etc. Trata-se de fenômenos internacionais e a maior parte da opinião pública e especializada acredita que essas iniciativas sejam de grande pertinência para uma possível reconciliação com esses passados traumáticos. Entretanto, os autores argumentam que essas iniciativas estimulam:

[...] a crescente convicção de que a ideia comumente aceita de um passado que se distanciava automaticamente do presente é fundamentalmente problemática e que a crença de que o passado é substituído por cada novo presente tem sido mais um desejo do que uma realidade experiencial³ (BEVERNAGE; LORENZ, 2013, p. 33, tradução nossa).

E ainda acrescentam que “é importante saber o que exatamente os historiadores estão fazendo quando estão ‘deixando o passado se tornar

³ Texto original: “[...] *growing conviction that the once commonsensical idea of a past automatically distancing itself from the present is fundamentally problematical and that the belief that the past is superseded by every new present has been more a wish than an experiential reality*”.

passado' e como os historiadores podem dizer 'quando' exatamente 'é o tempo' de 'colocar o passado em seu lugar'"⁴ (BEVERNAGE; LORENZ, 2013, p. 44, tradução nossa).

Em suma, será discutida a dualidade entre consumo e cidadania, que é vital para o entendimento dos fenômenos culturais que são analisados aqui. O argumento centra-se na ideia de que o consumo já tenha sobrepulado a noção de cidadania. Entretanto, o abandono de noções essencialistas como a fluidez na concepção de identidades nacionais pode ser entendido como um aspecto positivo. Ademais, entende-se que a ascensão de novas histórias, de novos grupos sociais, aliados a uma noção de história como narrativa engajada com um sentido prático no presente no que tange o social, econômico, cultural ou político é um aspecto fundamental para uma sociedade justa (em todos os sentidos do termo) e democrática.

Da mesma forma, o entendimento do período atual como um regime de historicidade presentista (HARTOG, 2013) ou atualista (PEREIRA; ARAUJO, 2018), levando em consideração suas características, proporciona uma melhor compreensão do tempo em que vivemos e dos fenômenos culturais abordados neste texto. Entretanto, historiadores responsáveis e comprometidos com o presente, não devem mobilizar essa forma de compreender a temporalidade do presente para fugir de discussões em que se atribuiu aos contextos todas as escusas para não intervir no presente a partir do fazer historiográfico.

Deve-se buscar uma fuga da temporalidade presentista e atualista propondo alterações no presente e no futuro. Por isso é importante mobilizar o passado para um uso prático (WHITE, 2018).

Somado a isso, a lembrança de traumas e eventos históricos sem uma forte conexão com o presente não trará nada de benéfico para o campo reflexivo e para sociedade. É preciso compreender não só como foi gerado o trauma e seus agentes envolvidos, buscar punição – seja a responsabilização do Estado, seja a culpabilização dos indivíduos envolvidos – mas politizar o debate e as

⁴ Texto original: "it is important to know what exactly historians are doing when they are 'letting the past become past' and how historians can tell 'when' exactly 'it is time' to 'put the past in its place'".

narrativas para que se entenda que estes eventos traumáticos estão no passado, porém não podem ser repetidos no presente. Conforme afirma Adorno (2009), mais importante do que saber do Holocausto é não repetir um novo extermínio em massa. Por isso a importância de lembrar-se do trauma em concomitância com a construção de projetos que evitem sua repetição, incluindo, aqui, penalizações e judicializações para que não se permita negacionistas, por exemplo.

Como foi exposto, o capitalismo parece ter se apropriado de elementos do passado, o que gerou grandes lucros para a indústria. Nessa perspectiva, a indústria da cultura, focada em histórias em quadrinhos, literatura, *videogames* e filmes, se apropria do passado com o intuito de gerar lucros ou de propor reflexões amplas e críticas.

Conceitos e termos são criados com o propósito de agrupar um conjunto de ideias. Quando intelectuais se deparam com fenômenos semelhantes, os quais se encontram numa abertura temporal próxima, é comum e pragmático, para fins didáticos, agrupá-los. E é assim que funciona um dos pressupostos mais básicos do mundo acadêmico. Mas como conceituar fenômenos essencialmente distintos? Como não ter receio de entrar em grandes generalizações quando tudo que não entendemos parece ser jogado em um mesmo conceito? O que fazer quando um conjunto de ideias foi transformado em um insulto e uma ameaça ao mundo acadêmico? Sobre isso, Arthur Avila argumenta que:

[...] única ameaça “pós-moderna” todo-poderosa e de extensão pretensamente avassaladora – um espantalho, no primeiro caso, e um impressionismo sem base empírica, no outro. Neste sentido, a crítica historiográfica não raro adquiriu o papel de uma prática de excomunhão, de acordo com Durval Muniz de Albuquerque Jr., que visava expungir da disciplina os e as “infieis” que ousavam questionar seus pressupostos fundacionais. Sob esta perspectiva, bastaria devolver à história uma integridade original supostamente violada por seus antagonistas que tudo estaria mais ou menos resolvido, ainda que a vigilância contra os bárbaros no portão precisasse ser sempre forte e redobrada. Tal qual o diligente Giovanni Drogo em sua (entediante) espera no Forte Bastiani, precisaríamos estar sempre preparados para a vinda

dos perigosos “tártaros” que habitam para além das fronteiras de nosso império disciplinar (AVILA, 2019, p. 392).

Assim, vista como uma ameaça ao *status quo*, a pós-modernidade foi transformada em uma espécie de identidade negativa, em um inimigo a ser combatido, algo que os “bons” acadêmicos deveriam se afastar. Entretanto, grande parte da desconfiança frente ao conceito está justamente ligada à falta de reflexão sobre o mesmo. Segundo Douglas Kellner:

[...] não há uma teoria pós-moderna, ou uma só definição de pós-modernidade como época histórica ou de pós-modernismo em artes. Ao contrário, esses discursos entram em competição e em conflito, visto que diferentes teóricos tentam impor suas próprias definições sobre tais conceitos (KELLNER, 2001, p. 71).

Se não é possível uma única definição de pós-modernidade, é preciso que entendamos a sua polissemia para que a compreensão do contexto e o papel do historiador frente a ele sejam colocados em pauta de maneira satisfatória. Para Jameson (2002), a dificuldade na conceituação do pós-modernismo está, em parte, na nossa falta de familiaridade com as obras que constituem esse movimento. Além disso, os exemplos de obras pós-modernas abarcam as mais variadas formas de se fazer arte, da poesia ao cinema, das histórias em quadrinhos aos jogos de *videogame*, da literatura a música, entre outras formas de expressão artística que surgem como resposta aos modelos anteriormente existentes.

A maior parte das obras pós-modernas surgem como reação a formas e modelos construídos pela modernidade. Obras essas que, quando surgiram, foram vistas como radicais e até subversivas passaram ao status de hegemônicas nos museus e nas universidades. No presente, o pós-modernismo passa a identificá-las como o “outro” com o intuito de criar “algo novo”. Nesse viés interpretativo, se existe alguma unidade na pós-modernidade é a negação à modernidade (JAMESON, 2002, p. 16).

Douglas Kellner sustenta que a negação à modernidade, de fato, é uma verdade, mas a presença de continuidades modernas é inegável:

[...] verifica-se que é mais difícil enunciar diferenças entre modernismo e pós-modernismo em literatura, cinema, dança, teatro e outras artes. As sobreposições e continuidades nesses casos são mais inegáveis, e é difícil mostrar características específicas de literatura e arte pós-moderna que não tenham sido antecipadas por formas modernistas (KELLNER, 2001, p. 70).

Conforme Jameson, a pós-modernidade “é o desaparecimento de algumas fronteiras ou separações fundamentais, especialmente a erosão da velha distinção entre a cultura superior e a chamada cultura popular ou de massa”⁵ (JAMESON, 2002, p. 09 – tradução do autor). Esse aspecto é crucial, considerando que se discute aqui alguns elementos da cultura da mídia – literatura, HQs, jogos e filmes – os quais, durante grande parte da segunda metade do século XX, foram vistos como produções de “segunda mão”. Ademais, estavam marginalizados do âmbito acadêmico. Um bom exemplo a ser citado é Neil Gaiman, conhecido literato, quadrinista e roteirista britânico, que, além de se aventurar em diferentes formas de expressão artística, recebeu uma série de prêmios por seu romance mais conhecido intitulado *American Gods*. Gaiman recebeu os prêmios *Nebula* e *Hugo* na categoria ficção científica, o *Bram Stoker* como horror e o *Locus* como fantasia. Fica evidente a dificuldade de categorização das obras pós-modernas (GAIMAN, 2016, p. 09).

Jamenson afirma que a pós-modernidade rompeu e tornou difusa uma série de fronteiras, que outrora eram inquestionáveis. Por exemplo, o autor cita o caso de Michel Foucault, “Deve ser considerado filosofia, história, teoria social ou ciência política? É indecível, como dizem hoje, e minha sugestão é que esse “discurso teórico” também seja incluído entre as manifestações do pós-modernismo”⁶. (JAMESON, 2002, p. 17, tradução nossa). Nesse sentido, as fronteiras entre as disciplinas se tornaram frágeis, instáveis e o *status quo* de diversas áreas passa a ser questionado novamente. Mais importante, os

⁵ Texto original: “es la desaparición de algunos límites o separaciones clave, sobre todo la erosión de la antigua distinción entre la cultura superior y la así llamada cultura de masas o popular”

⁶ Texto original: “¿debe considerarse filosofía, historia, teoría social o ciencia política? Es indecible, como hoy suelen decir, y mi sugerencia será que esse “discurso teórico” también debe incluirse entre las manifestaciones del posmodernismo”

historiadores imbuídos da difícil tarefa de traçar relações entre passado e presente não podem mais considerar apenas as obras historiográficas. É vital que esses intelectuais dediquem reflexões e trabalhos aos fenômenos culturais midiáticos – literatura, HQs, *mangás*, jogos, animações, animes e filmes – de um ponto de vista teórico.

De acordo com Jameson, a pós-modernidade não pode ser encarada apenas como um fenômeno artístico e cultural, mas sim, como um fenômeno político, cronológico e econômico. Segundo o autor:

[...] não é simplesmente um termo para a descrição de um determinado estilo. É também - pelo menos como eu o uso - um conceito de "periodização" cuja função é correlacionar o aparecimento de novos traços formais na cultura com o de um novo tipo de vida social e uma nova ordem econômica, que muitas vezes é chamada eufemisticamente de modernização, sociedade pós-industrial ou de consumo, sociedade da mídia ou entretenimento, ou capitalismo multinacional. Este novo momento do capitalismo pode ser rastreado até o boom do pós-guerra nos Estados Unidos no final dos anos 1940 e início dos anos 1950, ou ao estabelecimento da Quinta República na França em 1958. Os anos 1960 são, em muitos aspectos, os principais aspectos de transição período em que se estabelece a nova ordem internacional (neocolonialismo, revolução verde, informática e informação eletrônica), que ao mesmo tempo é varrida e abalada por suas próprias contradições internas e resistências externas. Quero esboçar aqui alguns dos aspectos em que o novo pós-modernismo expressa a verdade interior dessa ordem social emergente recente do capitalismo tardio, mas terei de limitar a descrição a apenas duas de suas características importantes, que chamarei de pastiche e esquizofrenia;⁷(JAMESON, 2002, p. 17-18 – tradução do autor).

⁷ Texto original: “[...] no es simplemente un término para la descripción de un estilo determinado. También es -al menos en el uso que yo le doy- un concepto "periodizador" cuya función es correlacionar la aparición de nuevos rasgos formales en la cultura con la de un nuevo tipo de vida social y un nuevo orden económico, que a menudo se denomina eufemísticamente modernización, sociedad postindustrial o de consumo, sociedad de los medios de comunicación o del espectáculo, o capitalismo multinacional. Este nuevo momento del capitalismo puede remontarse al auge de pós-guerra en los Estados Unidos, a fines de los años cuarenta y comienzos de los cincuenta, o al establecimiento de la Quinta República em Francia, en 1958. La década del sesenta es en muchos aspectos el período transicional clave, en el que se establece el nuevo orden internacional (neocolonialismo, revolución verde, computación e información electrónica), que al mismo tiempo es barrido y sacudido por sus propias contradicciones internas y la resistencia externa. Quiero esbozar aquí algunos de los aspectos en que el nuevo pos modernismo expresa la verdad interior de ese reciente orden social

A perspectiva estabelecida pelo novo pós-modernismo constroem narrativas que tendem ao pastiche ou a esquizofrenia. Para compreender melhor tais formas de narrativas destaca-se o livro: *A construção histórica na graphic novel V for Vendetta: aspectos políticos, sociais e culturais na Inglaterra (1982-1988)* de Felipe Krüger (2017) no qual o autor defende que a *graphic novel V for Vendetta*, de Alan Moore e David Lloyd, pode ser considerada um pastiche⁸ cultural, visto que é uma produção com um vasto número de influências e referências (KRÜGER, 2017). Assim, Krüger analisou características marcantes da pós-modernidade e suas ligações com a obra então analisada. Nesse aspecto, chamamos a atenção para a discussão outrora levantada por Roland Barthes sobre os textos e seus autores. Segundo Barthes, os textos são um espaço em que se unem e se contestam escritas variadas, onde a figura do autor é sempre contestada, já que nenhuma delas seria original (BARTHES, 2004, p. 04).

Jameson (2002) atenta para a questão da originalidade na atualidade. Vivemos em um período em que as produções não parecem inovar muito. Basta observar a quantidade de *remakes* produzidos pelos estúdios de cinema americanos. Segundo o autor, depois de aproximadamente oitenta anos de modernismo, uma série de estilos, técnicas e mundos foram criadas, fato esse que torna bastante difícil a criação de obras totalmente originais (JAMESON, 2002, p. 22). Nesse sentido, o autor aprofunda, através de exemplos, o que chama de “cinema da nostalgia”. Segundo o mesmo: “devemos conceber essa categoria da maneira mais ampla. Em um sentido estrito, sem dúvida, consiste apenas em filmes sobre o passado e momentos específicos de geração desse passado⁹” (JAMESON, 2002, p. 22). Seu primeiro exemplo, considerado um dos precursores desse novo gênero é *American Graffiti (1973)*, de George

emergente del capitalismo tardío, pero tendré que limitar la descripción a sólo dos de sus rasgos de importancia, que llamaré pastiche y esquizofrenia”

⁸ Para Jameson, o pastiche e a paródia implicam na imitação e remendo de outros estilos. Ainda, o pastiche, segundo o autor, seria uma paródia sem humor, algo vazio (JAMESON, 2002, p. 20).

⁹ Texto original: “Debemos concebir esta categoría de la manera más amplia. En sentido estrecho, sin duda, consiste meramente en películas sobre el pasado y momentos generacionales específicos de ese pasado”

Lucas, com a proposta de representar as atmosferas e aspectos estilísticos dos anos 1950 estadunidenses (JAMESON, 2002, p. 23). Jameson questiona se esse tipo de produção pode ser chamada de pastiche, ou é apenas mais um exemplo corriqueiro de filme ou novela histórica?

Por outro lado, o autor cita um caso específico, a série de filmes *Star Wars*, também de George Lucas, lançado em 1977. No primeiro momento, essa citação parece diferir completamente do caso anterior, afinal de contas, a saga de Lucas trabalha com exploração interplanetária, nosso passado nada tem a ver com isso. Mas Jameson faz referência ao sentimento que George Lucas procura passar aos espectadores na década 1970, isso porque muitos deles tiveram a oportunidade de assistir durante a década de 1930 e 1950 à série de *Buck Rogers*, com vilões, alienígenas e grandes heróis americanos. Nessa esteira, *Star Wars* satisfaz

[...] um anseio profundo (ouso dizer reprimido?) de revivê-los: é um objeto complexo em que, em certo nível de primeiro nível, crianças e adolescentes podem viver as aventuras sem rodeios, enquanto o adulto público está em uma posição para satisfazer um desejo mais profundo e efetivamente nostálgico de retornar àquele período anterior e experimentar mais uma vez seus antigos e estranhos artefatos estéticos¹⁰ (JAMESON, 2002, p. 23-24 – tradução do autor).

Jameson reforça sua crítica a esse tipo de produção, ao defender, que essas possuem um aspecto negativo. O sentimento de nostalgia invade representações sobre a contemporaneidade, e o autor acredita que somos incapazes de produzir representações estéticas da experiência atual. Destarte, Jameson afirma que é uma: “péssima acusação contra o próprio capitalismo de consumo ou, no mínimo, um sintoma alarmante e patológico de uma sociedade

¹⁰ Texto original: “[...] un profundo (¿me atreveré a decir incluso reprimido?) anhelo de volver a experimentarlas: es un objeto complejo en el que en cierto primer nivel los niños y los adolescentes pueden tomar las aventuras sin rodeos, en tanto el público adulto está em condiciones de satisfacer un deseo más profundo y efetivamente nostálgico de regresar a ese período anterior y vivir una vez más sus viejos y extraños artefactos estéticos”.

que não consegue mais enfrentar o tempo e a história ¹¹” (JAMESON, 2002, p. 24).

Consumo ou cidadania? Um novo problema historiográfico

Vivemos em uma sociedade capitalista, e, juntamente com esse sistema, absorvemos uma forma capitalista de viver, ou seja, uma ideologia, valores socialmente “aceitos” que direcionam os desejos, os objetivos e o consumo de um modo geral. Ser adepto a tal corrente é, sobretudo, consumir. O mercado já explicitou que não mede esforços gerar lucro. Mostrou, inclusive, que pode direcionar a população a comprar o que bem desejar. No entanto, o mercado pode vender o passado? O presente artigo tem como escopo analisar a história disciplinar e sua relação com o a sociedade capitalista. Assim sendo, o foco recai sobre a pós-modernidade e como o conceito pode ajudar a entender a temporalidade em que vivemos. Partindo da premissa defendida por Dipesh Chakrabarty (1992) de que a pós-modernidade e o capitalismo tardio – posterior a 1945 – influenciaram o campo.

A “morte da história” a qual Chakrabarty direciona sua escrita não possui vínculo direto com a ideia apresentada por Fukuyama (1992), isto é, o suposto fim da história. Todavia, a ideia de finitude que, aparentemente, parece radical, possui certa lógica ao compreender o argumento tecido pelo indiano. O autor salienta que a história disciplinar foi amplamente utilizada como instrumento de poder. Para justificar isso, ele remonta à colonização britânica na Índia, na qual a história (enquanto disciplina) foi uma novidade trazida pelos ingleses que reconfigurou os sistemas de dominação e explicação das relações de poder estabelecidas pela colonização. Com o processo de luta e tentativas de independência com relação à metrópole uma elite indiana passa a defender o projeto nacionalista, obviamente, com uma narrativa histórica para subsidiá-lo. Assim, o instrumento de dominação colonial, a história disciplinar, tornou-se

¹¹ Texto original: “terrible acusación contra el mismo capitalismo consumista o, como mínimo, un síntoma alarmante y patológico de una sociedad que ya no es capaz de enfrentarse con el tiempo y la historia”

uma forma de legitimidade e resistência à própria a dominação por parte do colonizado.

Chakrabarty argumenta que essa mesma elite utilizou o discurso nacionalista para subjugar grande parte da população indiana após a emancipação política, logo a exploração continuou, porém os atores da “peça” foram alterados. Enfatiza-se que o autor investe na importância dos *Subaltern studies*, grupo do qual faz parte e é composto por intelectuais de países colonizados por potências europeias que pensam a partir de uma perspectiva autônoma e não-eurocêntrica. A partir da década de 1980, o movimento passou a defender a história como uma crítica que levasse em conta a própria ferramenta de dominação metropolitana, a história disciplinar, para reverter a forma como o mundo e academia vislumbravam organizar e representar o passado dos países colonizados.

A ideia central de Chakrabarty (1992) é advogar que a história é sempre utilizada como instrumento de poder. No caso indiano, por exemplo, serviu para os nacionalistas criarem o Estado-Nação. Entretanto, o autor não se limita a essa afirmação que, no primeiro momento, parece um tanto óbvia, afinal de contas é comum a classe política se apropriarem de “versões” da história que enaltecerem “grandes feitos”.

Assim, Lorenz afirma que existe uma relação explícita entre a formação da história acadêmica e do Estado-Nação (LORENZ, 2010, p. 71). Ou seja, os historiadores nacionalistas são defensores do ponto de vista nacional, esse concebido como uma história objetiva. Logo, seria plausível considerá-los como: “parte sacerdotes e parte soldados da sua nação” (LORENZ, 2010, p. 73, tradução nossa)¹². Além disso, o financiador da formação dos historiadores acadêmicos, nesse contexto, é o Estado-Nação. Tal modelo que imperou do fim do século XIX até meados do século XX ainda vê seus ecos reverberando nos contextos atuais. Aquele modelo nacionalista europeu espalhado pelo mundo construiu um modelo de história oficial e objetivista que busca na valorização

¹² Texto original: “*half-priests and half-soldiers' of their nation*”

dos feitos dos grandes homens a justificativa para a existência do Estado-Nação, bem como a manutenção do *status quo* e das lógicas de dominação.

Por isso, quando Lorenz mobiliza o conceito de regimes de historicidade, de François Hartog, afirma que cada sociedade se relaciona com o passado de uma forma distinta. Portanto, o regime de historicidade antigo estaria voltado ao passado, então o objetivo estaria em um possível retorno ao passado glorioso, ao estilo de uma *história magistra vitae*. Já na acepção moderna, está relacionado com a formação dos Estados após a Revolução Francesa, período em que o *ancient regime* foi colocado em xeque, então o rumo da história está orientado para o futuro e o progresso da nação (LORENZ, 2010, p. 75).

Ainda de acordo com Lorenz, a noção de tempo das sociedades ocidentais foi drasticamente influenciada pela noção cristã, a qual entende o tempo como um ponto em uma linha reta, ou seja, um sentido teleológico e irreversível, em que a acepção de progresso substituiria a de Deus (LORENZ, 2010, p. 76-77). Ademais, Rodrigo Turin (2019), ao fazer um apanhado geral das noções de temporalidade através da história, defende que, na tradição cristã, o tempo era regulado pela promessa de redenção e retorno de Cristo. Com a ascensão dos Estados absolutistas, a sincronização do tempo estava aliada ao “relógio” do monarca, das instituições e códigos que o cercavam. Na sociedade industrial, o ajuste temporal passava por práticas e instituições diversas, tais como os arcos internacionais de fusos horários ou o horário de funcionamento das fábricas. Além disso, salienta-se que, nas sociedades modernas após a Revolução Francesa, a elaboração do tempo foi reinventada para dar sentido à nova lógica da soberania dos Estados. Para isso, a educação e a disciplina História tiveram um papel fundamental na criação dos cidadãos (TURIN, 2019, p. 12-13).

A história disciplinar ajudou a construir a noção de identidade, a qual foi entendida como a negação de outras. E a história, como a narrativa de uma nação, foi representada desde suas origens até o presente, porém o mais

importante é que essa construção discursiva era feita como se a nação sempre tivesse existido (LORENZ, 2010, p. 79).

Somado a isso, Lorenz argumenta que:

No século oito, uma nação era geralmente representada como servindo à causa da justiça: “Deus está do nosso lado” sustentado para cada nação. Muitas nações reivindicaram uma relação especial com Deus, incluindo uma missão cristã “protetora”, especial em relação aos “intrusos” não-cristãos – geralmente muçulmanos. O nacionalismo, portanto, foi plausivelmente interpretado como a nacionalização do cristianismo. Isso conduziria as duas Guerras Mundiais antes que o futuro se transformasse em um sério problema para os historiadores¹³. (LORENZ, 2010, p. 79, tradução nossa).

De acordo com o autor, a história disciplinar e nacionalista auxiliou a levar a humanidade ao caos. Duas Guerras Mundiais se passaram e junto uma série de genocídios. Entretanto, a partir da década de 1970, as concepções de identidade coletiva de nação, etnia, classe, gênero e religião sofreram fortes abalos e foram desconstruídas e questionadas pelos seus essencialismos e generalizações. Não menos relevante, a própria ideia de história objetiva foi posta em xeque. Posteriormente, a partir da década de 1990, surgiram novas visões de história no âmbito acadêmico, como a história global e a história transnacional. Elementos que, segundo Lorenz, demonstram o desejo de transcender o Estado-Nação (LORENZ, 2010, p. 80).

É válido ressaltar que, embora as críticas mais contundentes à historiografia tradicional tenham ganhado força a partir de 1970, historiadores como Marc Bloch e Lucien Febvre já defendiam uma atuação do historiador em debates do seu tempo. Bloch, em sua obra *A estranha derrota*, dedica seus esforços aos motivos que levaram à rápida derrota dos franceses frente ao exército nazista. Essa obra pode ser vista como um ato de resistência

¹³ Texto original: “*Eighth, a nation was usually represented as serving the cause of justice: ‘God is on our side’ held for each nation. Many nations claimed a special relationship with God including a special ‘protective’ Christian mission vis-à-vis non-Christian ‘intruders’ – usually Muslims. Nationalism has therefore been plausibly interpreted as the nationalisation of Christianity. It would take the two world wars before the future turned into a serious problem for historians*”

intelectual, visto que foi escrita “no calor do momento” e o autor não se isenta de opinar sobre o período (BLOCH, 2013).

A maior parte das instituições de ensino dedicam parte de sua carga horária para uma disciplina de caráter histórico. Afinal, qual é a grande pertinência disso? Precisa-se mesmo saber os pormenores da história nacional brasileira para que os cidadãos se reconstituam como tal? Para tentar responder a essa pergunta, é necessário compreender as dimensões éticas e políticas do ofício do historiador, bem como o papel e influência do consumo na e para a produção historiográfica.

Comodities do passado? O consumo atualista do passado

Dipesh Chakrabarty (1992) acredita que, com a pós-modernidade e o avanço do consumismo, na atual etapa do capitalismo tardio, uma contradição foi criada: a formação do cidadão e o consumo. De um lado da contradição, o consumismo. Não é nenhuma novidade que o mundo enfrenta desenfreada necessidade por objetos, produtos e serviços que, na maioria dos casos, são dispensáveis. Chuck Palahniuk, em sua obra *Fight Club*, já advertia: “Você tem uma classe de mulheres e homens jovens e fortes que estão dispostos a dar a vida por alguma coisa. A publicidade persegue essa gente com carros e roupas desnecessários. As gerações vêm trabalhando em empregos que odeiam, comprando o que não têm a menor necessidade” (PALAHNIUK, 2012, p. 82). Grandes multinacionais lançam celulares, computadores e videogames constantemente, impulsionando e criando uma “necessidade” de estar sempre com o que há de mais “atualizado”. Assim, “o que esse movimento pode trazer de novo ao argumento presentista é esclarecer que não se trata substancialmente de uma ampliação (ou encurtamento) do presente, mas mesmo da ampliação de referências ao passado e ao futuro, porém em modo atualista” (PEREIRA; ARAÚJO, 2018, p.123).

Vale lembrar que a ideia de atualismo situa-se, segundo Valdeci Araújo e Mateus Pereira (2018), em uma dicotomia entre o obsoleto e atual, na qual a busca por um novo, que não é tão diferente do antigo, é contrastada pela

obsolescência e ultrapassada capacidade do anterior. Essa temporalidade atualista, na visão dos autores supracitados, poderia ser considerada um novo regime de historicidade que pensa em projetos de futuros relacionados diretamente com o consumo e o mundo neoliberal. A construção de futuros positivos, não existentes ou distópicos do presentismo, dá lugar a um mundo de plenitude, autoritário e desigual num mundo atualista em que se busca estar sempre “inovando”, “conectando” e “consumindo”.

Não menos importante, o passado foi apropriado pelo capital. Por exemplo, a moda retrô, diferentes modelos de roupas, calçados e objetos variados podem ser adquiridos com muita facilidade, ou seja, temos muitos “passados” no presente (REYNOLDS, 2011). Um dos últimos “lançamentos” da gigante dos videogames, a *Nintendo*, ajuda a compreender essa apropriação do passado pelo capital:

IMAGEM 01 – Nintendo



Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/games/noticia/2016/07/nintendo-ira-relancar-nes-seu-1-videogame-com-30-jogos-na-memoria.html>. Acessado em: 24 de set. 2020.

Conforme o site G1:

De acordo com a Nintendo, o NES Classic Edition é uma "mini réplica quase idêntica" ao console original, lançado no Japão em 1983 (como Famicom) e em 1985 nos EUA. [...]A nova versão do videogame chega em 11 de novembro por

US\$ 60. Um controle adicional, para games de 2 jogadores, irá custar US\$ 10.¹⁴

A empresa brasileira de tecnologia, *Tectoy*, também aproveitou a “onda saudosista” para investir em um antigo sucesso dos *games*, o *Mega Drive*. Segundo um site de notícias, “o clássico console será produzido com novos componentes, em edição limitada, e chega às lojas em junho de 2017 por R\$ 450. Você pode fazer a pré-venda no site oficial da empresa - na pré-venda, o preço é de apenas R\$ 400”.¹⁵ Vale ressaltar que os modelos apresentados estão completamente obsoletos no quesito tecnológico. Essa onda nostálgica do passado faz com que o atualismo obsoleto seja uma forma de perceber e se relacionar com o tempo histórico em que o passado deve ser retomado, pois ele seria o modelo ideal. No entanto, o passado idealizado nunca existiu de tal forma, sua narrativa é confundida com as percepções individuais, sendo assim o que se pensa do passado é o que deve ser consumido.

Por isso, segundo Araújo e Pereira (2018), o consumo de produtos fabricados seguindo as modas retrô permite perceber uma nostalgia de algo que só é interessante do ponto de vista do consumo, mas não da sua existência como uma nova realidade. São brindes, elementos extras num contexto atualista atual, ou seja, em um mundo em que a tecnologia avança cotidianamente, os consoles emulam realidades cada vez mais perfeitas, retornar ao passado analógico é uma forma de criar novos nichos de consumo, não uma tentativa de frear o impulso de produção industrial de tecnologia.

Vivemos em um período de grandes avanços tecnológicos, com experiências 3D e um conjunto de inovações técnicas que, em alguns momentos, nos fazem duvidar, questionando se as imagens de filmes e *games* são, de fato, filmagens em cenários reais ou apenas mais uma imagem com

¹⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/games/noticia/2016/07/nintendo-ira-relancarnes-seu-1-videogame-com-30-jogos-na-memoria.html>. Acesso em: 24 set. 2020.

¹⁵ Disponível em: <https://omelete.uol.com.br/games/noticia/novo-mega-drive-ganha-demonstracao-de-uma-hora-pela-tectoy-assista/>. Acesso em: 24 set. 2020.

Chroma key.¹⁶ Entretanto, o saudosismo tecnológico gera bons lucros às empresas como a *Nintendo* e a *Tectoy*.

Do outro lado da contradição, temos a cidadania, a formação da identidade da nação. Afinal de contas, existem símbolos, narrativas, eleições democráticas que nos propiciam certa noção de pertencimento a uma nação. Pensando nessa dualidade, Chakrabarty conclui que: “a história morrerá quando essa contradição entre o cidadão e o consumidor, entre o Estado-Nação e o capital, for resolvida em favor do consumidor e do capital¹⁷” (CHAKRABARTY, 1992, p. 64, tradução nossa).

Ainda pensando na contradição apresentada pelo autor, na cidade de Odesa, Ucrânia, uma estátua de Vladimir Lenin, uma das principais lideranças da União Soviética, foi substituída pela estátua do famigerado vilão *Darth Vader*, da saga cinematográfica de *Star Wars*:

Imagem 02 – Estátua do Lenin



Disponível em: <https://www.bbc.com/news/blogs-news-from-elsewhere-34594262#:~:text=A%20statue%20of%20Vladimir%20Lenin,%22de%2Dcommunistation%22%20law>. Acessado em: 24 de set. 2020.

¹⁶ *Chroma key* é uma técnica de efeito visual que consiste em colocar uma imagem sobre uma outra através do anulamento de uma cor padrão – normalmente verde.

¹⁷ Texto original: “History will die when this contradiction between the citizen and the consumer, between the nation-state and capital, is resolved in favor of the consumer and capital”

De acordo com o site de notícias UOL:

A nova estátua, uma obra do escultor ucraniano Alexar Milov, foi revelada nesta sexta-feira (23). [...] "O Lênin de bronze foi deixado dentro, para que os descendentes possam exumá-lo, se for necessário", disse Milov em declarações à imprensa. [...] A estátua também funcionará como um ponto de wi-fi gratuito. [...] Em maio deste ano, Poroshenko assinou um decreto de "descomunização", prevendo que, em um prazo de seis meses, monumentos soviéticos deveriam ser desmantelados ou substituídos. A regra também vale para lugares públicos com nomes relacionados ao comunismo.¹⁸

Primeiro ponto interessante da discussão sobre a substituição do símbolo soviético pelo símbolo da indústria cultural é considerarmos o passado ucraniano. Segundo Andrew Wilson (2014), posteriormente à Revolução Russa a Ucrânia foi integrada pela União Soviética no ano de 1922 e sua independência foi alcançada apenas em 1991, com a queda dos soviéticos. Assim, existe uma relação entre o Estado Nacional Ucraniano e a estátua, ou seja, existe um significado simbólico para a presença da estátua, se considerar a história "oficial" ucraniana. A estátua de Lênin não é apenas um monumento de celebração e rememoração do líder soviético. Ela pode ser vista como a demonstração de poder dos soviéticos em se impor ao leste europeu e o domínio, sobretudo russo, na região durante boa parte do século XX.

Nesse viés interpretativo, a dualidade apresentada por Chakrabarty(1992) fica evidente. A história nacional, a qual procura a identificação dos cidadãos com sua nação, está enfraquecida – existem outras variáveis políticas no caso, mas ele ilustra bem os conceitos antitéticos de consumo/cidadania exposta pelo autor, ou seja, um símbolo da cultura *pop* ocidental, representado por *Darth Vader*, é mais importante e/ou digno de lembrança do que a figura de Lenin. O consumo parece sobrepujar as noções de história nacional e cidadania. Ressalta-se que não basta retirar ou substituir a estátua de Lênin. Foi necessário o uso de um símbolo da indústria cultural para fazer com que os ânimos e as discussões políticas sobre as práticas de

¹⁸ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/tabloide/ultimas-noticias/tabloideanas/2015/10/23/cidade-na-ucrania-substitui-lenin-por-darth-vader-em-estatua.htm>. Acesso em: 24 set. 2020.

“descomunização” fossem amenizadas. O consumo, assim sendo, acalma e harmoniza as discussões étnicas e políticas na Ucrânia, como afirmam os pesquisadores Michael Cole e Olena Yermakova (2019) em um texto de divulgação científica.

Jerome De Groot, em sua obra *Consuming History: Historians and Heritage in Contemporary Popular Culture*, analisa um amplo leque de formas de representações do passado, tais como: documentários, programas de tv, filmes, literatura e jogos de videogame. O autor defende que o mercado passou a comercializar elementos do passado e os historiadores precisam estar atentos a esta prática. De acordo com De Groot:

É importante ressaltar que o passado é algo que se assume que o espectador pode conectar-se e consumir, literalmente, em nível econômico. Usar o passado para articular uma marca implica necessariamente que exista algo nesse lugar que seja comercializável e que um espectador comum ingenuamente acreditará¹⁹. (DE GROOT, 2009, p. 09, tradução nossa).

O autor ainda salienta que ao analisar essas fontes é possível: “[...] seguir a “história” como um fio através da cultura contemporânea e que ela pode mostrar novas e mais profundas práticas de consumo da sociedade²⁰” (DE GROOT, 2009, p 13, tradução nossa). O mesmo utiliza o conceito de *Historiocopia* afirmando que cada uma dessas representações do passado possuem uma variedade de significados e que o leitor comum pode interagir com o passado através da televisão, arte, ficção, jogos, revistas e publicidade. Além disso, o autor defende que todas essas representações possuem uma vasta rede de significados e experiências históricas. Por fim, De Groot acredita que o estudo comparativo desses discursos pode alcançar parte da compreensão das formas pelas quais a sociedade atual se relaciona e consome o passado (DE GROOT, 2009).

¹⁹ Texto original: “*Importantly the past is something which it is assumed the viewer can connect to and consume, quite literally, at an economic level. Using the past to articulate a brand necessarily implies that there is something about that pastness that is marketable and that an ordinary viewer will happily buy into*”.

²⁰ Texto original: “[...] *follow ‘history’ as a thread through contemporary culture and that it might show a new and in greater depth the consumptive practices of society*”.

O presentismo e a história: consumindo o presente

A partir da década de 1980 ocorre um investimento massivo em eventos e lugares de memória, conhecido como *memory boom*. Centros de memória são inaugurados ao redor de todo o globo com o objetivo de lembrar e relembrar os grandes traumas históricos do século XX. Traumas que a sociedade ocidental não consegue assimilar e compreender, ou seja, um passado que não passou. Essa é a característica principal do regime de historicidade presentista, ou seja, não estamos orientados pelo passado e, tampouco, para o futuro. Vive-se em um eterno presente com a presença de múltiplos “passados”.

De acordo com François Hartog, o regime presentista caracteriza-se por uma:

[...] progressiva invasão do horizonte por um presente cada vez mais inchado, hipertrofiado, é bem claro que o papel motriz foi desempenhado pelo desenvolvimento e pelas exigências cada vez maiores de uma sociedade de consumo, na qual as inovações tecnológicas e a busca de benefícios cada vez mais rápidos tornam obsoletos as coisas e os homens, cada vez mais depressa. Produtividade, flexibilidade, mobilidade, tornam-se as palavras-chave dos novos administradores. Se o tempo é, há muito, uma mercadoria, o consumo atual valoriza o efêmero. A mídia, cujo extraordinário desenvolvimento acompanhou esse movimento que é, em sentido próprio, sua razão de ser, faz a mesma coisa. Na corrida cada vez mais acelerada para o ao vivo, ela produz, consome, recicla cada vez mais palavras e imagens e comprime o tempo: um assunto, ou seja, um minuto e meio para trinta anos de história (HARTOG, 2013, p. 147).

Assim, o presentismo assume um caráter imediatista que impede que a sociedade construa projetos de futuros em que almejem coisas boas, um mundo melhor. Tal regime de historicidade, segundo Hartog (2013), está preso a uma efemeridade do passado sobre o qual já não ensina mais nada a esse presente inovador e cada vez mais importante e impactante. Vive-se no tempo dos tempos, ou seja:

Vivemos um tempo repleto de tempos: o tempo das reivindicações identitárias, os tempos pós-colonial e decolonial, o tempo da globalização, o tempo fantasmagórico

das reparações traumáticas, o tempo acelerado das novas tecnologias, o tempo da urgência do capital financeiro, o tempo suspenso da patrimonialização, entre tantos outros. Todos esses tempos convivem, se cruzam, combatem uns aos outros, constituem modos distintos de projetar-se no mundo (TURIN, 2019, p. 14).

Essa leitura feita por Rodrigo Turin sobre a multiplicidade dos tempos nos permite compreender a coexistência de diversas temporalidades que conflituam e reorganizam parcelas da sociedade de acordo com seus interesses. Vale notar que o consumo acaba moldando boa parte dessas formas de se relacionar com o tempo, ainda mais no contexto neoliberal em que vivemos.

Ademais, a partir da década de 1970, o mundo acompanhou uma onda de investimentos em questões de memória. De acordo com Huyssen, na Europa e nos Estados Unidos, uma série de antigos centros urbanos passaram a ser restaurados. No Brasil, lugares que no passado tiveram um papel importante na história brasileira deram espaço a centros históricos patrimonializados e restaurados com fins mercadológicos, como é o caso do Pelourinho em Salvador. Museus foram inaugurados, a moda retrô em alta, o *marketing* da nostalgia, a obsessão pelas gravações, a escrita de memórias, a autobiografia, o surgimento do romance pós-moderno (na discussão entre realidade e ficção), a ênfase na fotografia e o desenvolvimento de documentários históricos, como aqueles produzidos pelo *History Channel* eclodem com extrema força. Não significa que esses elementos foram criados na década de 1970, porém sua produção em massa se dá a partir da eclosão do chamado *memory boom* (HUYSSSEN, 2003, p. 14).

Andreas Huyssen aponta para a ênfase na criação de museus e locais de memória sobre o *Shoah* ao redor do globo:

O Museu Memorial do Holocausto em Washington, D.C., planejado na década de 1980 e inaugurado em 1993, deu origem ao debate sobre a americanização do Holocausto. Mas as ressonâncias da memória do Holocausto não pararam por aí. Neste ponto, deve-se realmente levantar a questão de até que ponto se pode agora falar de uma globalização do

discurso do Holocausto²¹. (HUYSSSEN, 2003, p. 13, tradução nossa).

Nesse sentido, Huyssen destaca um aspecto nefasto nessas políticas de memória. Na década de 1990, aconteciam genocídio em Ruanda, Bósnia e Kosovo, por exemplo. Todavia as grandes lideranças políticas e meios de comunicação evitaram comparar esses eventos com o Holocausto judeu. O autor acredita que não tenha sido devido às diferenças históricas, mas, sim, pelo desejo de não intervenção (HUYSSSEN, 2003, p. 13).

Ainda com o autor:

[...] é exatamente a emergência do Holocausto como tropo universal que permite a sua recordação aderir a situações locais específicas, que são historicamente distantes e politicamente distintas do evento original. No movimento transnacional dos discursos da memória, o Holocausto perde sua qualidade de índice do evento histórico específico e passa a funcionar como metáfora de outros históricos e lembranças traumáticas. O Holocausto como tropo universal é o pré-requisito de sua descentralização e de seu uso como um poderoso prisma através do qual podemos examinar outros exemplos de genocídio. O Global o local da memória da memória do Holocausto entraram em novas constelações que pedem para ser analisadas caso a caso (HUYSSSEN, 2014, p. 187).

Além disso, Lorenz afirma que com o colapso do socialismo e do nacionalismo, as duas ideologias orientadas para o futuro do século XX, é possível que uma grande desconfiança sobre planos políticos orientados ao futuro tenha sido criada. Um reflexo dessa desconfiança pode ser visto em forma de concepção de mundo como a pós-modernidade (LORENZ, 2010, p. 84). Ou seja, o constante investimento em centros de memória e a presença desses múltiplos passados no presente tem levado a sociedade ocidental a uma certa estagnação. Partimos do pressuposto de que a sociedade ocidental está sendo “bombardeada” com narrativas de diversos passados. Nessa perspectiva, entendemos a influência de dois elementos: o chamado *memory boom* e a

²¹ Texto original: “*The Holocaust Memorial Museum in Washington, D.C., planned during the 1980s and inaugurated in 1993, gave rise to the debate about the Americanization of the Holocaust. But the resonances of Holocaust memory did not stop there. At this point one must indeed raise the question to what extent one can now speak of a globalization of Holocaust discourse*”.

criação de vários centros de memória pelo mundo, como exemplificamos no caso sobre o Holocausto, a partir de 1980; e a moda retrô criada pelo mercado, fenômeno que se popularizou um pouco mais recente.

Nessa percepção da temporalidade, não há uma proposta para o futuro, mas estamos melhor que o passado representado pelo trauma. Destacamos, haja vista as problemáticas em torno do *memory boom*, que as propostas de alteração sociais radicais estejam enfraquecidas já que, no presente, nossas lideranças intelectuais e políticas pouco falam de alterações bruscas na estrutura social, entretanto basta assistir ao noticiário para escutar a palavra, reformas, como argumenta Enzo Traverso (2017).

Não menos importante, a chamada queda das metanarrativas como o iluminismo e o marxismo parece desfavorecer ainda mais as possibilidades de enfrentarmos o presente e criarmos alternativas para um futuro. Segundo Alun Munslow:

[...] agora parece quase inacreditável que alguém possa um dia ter confiado na hierarquia das principais narrativas como o liberalismo, a ciência, o marxismo, o socialismo ou em uma visão da história que enfatizava a descoberta do passado como ele realmente foi, ou ainda no progresso inevitável (MUNSLOW, 2009, p. 28).

Munslow provoca o leitor a ver que a morte das utopias, em alguns contextos, criam rupturas na forma de se perceber, entender e fazer história. Já não é mais possível se pensar em uma história universal, tampouco numa escala evolutiva, seja o Estado Positivo, seja o Comunismo. Desta forma, no artigo *Breaking up time*, de Lorenz e Bervernage (2013), os autores criticam a forma como os historiadores deixam de problematizar as noções de passado, presente e futuro. O argumento principal dos autores é que o passado estaria totalmente desarticulado do presente, criando, assim, um abismo entre ambos. Não menos relevante, os autores afirmam que culturas vistas como "tradicionais" geralmente são caracterizadas por uma orientação política, ética e cultural para o passado, enquanto que as culturas ditas "modernas" caracteristicamente têm uma orientação dominante voltada ao futuro. Por último, e mais importante para

a presente análise, as culturas "pós-modernas" estariam teoricamente voltadas ao presente (BERVERNAGE; LORENZ, 2013, p. 33 - 34).

Todavia, o que o presente pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa? É possível refletir sobre o presente sem mencionar o passado e o futuro? Na tentativa de responder a essas perguntas recorrem-se às reflexões que buscam entender o papel da historiografia em meio a essa onda presentista. Para Elazar Barkan (2009), a historiografia deve ser "comprometida" e estar a serviço de uma "reconciliação histórica". No entanto, uma história engajada com o presente, na maior parte das vezes, é vista como "ativista", "partidária", "presentista" e até "atualista". A memória pauta a história, afirmava Paul Ricoeur (2007).

Nos últimos tempos, em uma rápida digressão sobre a produção historiográfica brasileira, as temáticas envolvendo negacionismos, usos do passado e ensino de história ganharam bastante corpo. Isso ocorre em um contexto político e cultural de extremo autoritarismo, nostalgia do passado autoritário e violento do Brasil, bem como a ameaça à liberdade de ensino e interferência no fazer docente, sobretudo em História. Essa historiografia engajada é, mesmo com as renovações historiográficas, adjetivada de forma pejorativa e seu trabalho passa a ser desvalorizado num primeiro momento entre alguns pares e, posteriormente, em parcela significativa da sociedade civil, que entende o ato de pesquisar e divulgar pesquisas como algo neutro. Todavia, o autor parece esperançoso em relação às mudanças desse paradigma, conforme cita Barkan:

[...] a construção da história molda continuamente o nosso mundo e, portanto, tem de ser tratada como uma atividade explícita, diretamente política, operando dentro de regras científicas metodológicas e retóricas específicas²². (BARKAN, 2009, p.907, tradução nossa).

Ainda na mesma perspectiva, Barkan apresenta uma reflexão sobre a morte de 1600 judeus na Polônia durante a ocupação nazista. Durante um longo

²² Texto original: "[...] *that the construction of history continuously shapes our world, and therefore has to be treated as an explicit, directly political activity, operating within specific scientific methodological and rhetorical rules*".

período, o trágico episódio foi atribuído aos nazistas, entretanto, em 2010, o sociólogo o americano de origem polaca, Jan Thomasz Gross, publicou a obra *Vizinhos* (2010), na qual expõe o episódio sobre um ponto de vista diferente e inquietante. O autor utilizou depoimentos e fontes escritas para defender que o massacre foi levado a cabo pelos próprios poloneses, ou seja, o evento em Jedwane, em que homens, mulheres e crianças foram levadas a um estábulo e mortos foi obra de seus vizinhos.

Nessa esteira, Barkan inicia sua reflexão com a fala do presidente polonês, Aleksander Kwasniewski, pedindo perdão pela morte das famílias judias, em julho de 2001. Entretanto, muitos poloneses boicotaram o evento. A igreja, por exemplo, não enviou um representante oficial. Segundo Barkan:

O desejo de abordar o legado de erros históricos de uma perspectiva contemporânea forma os ensaios que compõem este fórum da AHR (America Historical Review). O dossiê descreve três esforços conjuntos de historiadores, de todas as divisões nacionais e étnicas, para escrever narrativas compartilhadas de eventos passados como uma maneira de contribuir para a resolução de conflitos nos dias atuais. Em cada caso, a intervenção do historiador visa a promover a reconciliação por meio de trabalho colaborativo para produzir uma história compartilhada²³ (BARKAN, 2009, p. 900, tradução nossa)

Nesse sentido, assim como o autor, entende-se aqui a dificuldade ao lidar com passados traumáticos e que “novas versões do passado” tendem a influenciar em questões como identidade nacional. Entretanto, para que, de fato, ocorra uma “reconciliação histórica” com o passado, discussões devem ser realizadas. Para o autor, as formas de lidar com esses “passados” são políticas de reparação e comissões da verdade. Além disso, Barkan acredita que a historiografia deve contribuir para essa reconciliação histórica e para uma sociedade voltada à preservação dos direitos humanos (BARKAN, 2009). Em outras palavras, a história deverá servir para abrir “feridas históricas”

²³ Texto original: “The desire to address the legacy of historical wrongs from a contemporary perspective inform the essays that make up this AHR (America Historical Review) forum. The describe three joint efforts by historians from across national and ethnic divides to write shared narratives of past events as a way of contributing to present-day conflict resolution. In each case, the historian’s intervention aims to promote reconciliation through collaborative work to produce a shared history”

(CHAKRABARTY, 1992) abertas ou mal cicatrizadas, contribuindo para reflexões críticas do passado que permitam que o passado traumático seja objeto de constante reflexão (ao contrário do esquecimento), porém seja realocado no passado (e não objeto de repetição ou veneração e consumo no presente).

Conclusão

Essa busca pela reconciliação histórica, ou seja, para escancarar as feridas históricas só poderá ser possível se os historiadores compreenderem que o consumo, na perspectiva capitalismo, remodelou conceitos bases, até mesmo de cidadania e vem pautando a produção historiográfica a tal modo que as demandas por passado são mediadas pela necessidade ou não de incluir determinados segmentos sociais no mundo do capital.

Por isso, a busca pela valorização dos direitos humanos e de uma história a contrapelo é fundamental. Nesse sentido, é preciso retomar algumas discussões para que possamos compreender como a relação entre consumo e historicidades contemporâneas tem feito imergir narrativas e discursos que favorecem a desigualdade. Por isso, precisamos ressaltar que: 1) não existe um consenso sobre o significado de pós-modernidade, e esse não é o objetivo desta reflexão; 2) a pós-modernidade pode ser vista como uma negação da modernidade, todavia carrega elementos da mesma; 3) o fenômeno está associado à cultura de consumo característica do capitalismo tardio e a produções culturais que se utilizam de um sentimento de nostalgia para gerar lucros; 4) o período estudado promove a proliferação de novas histórias e a ascensão de novos grupos sociais; 5) por fim, a pós-modernidade, por apresentar as características anteriores, pode estar dificultando a criação de possibilidades para o presente e melhorias para o futuro.

Sendo assim, é preciso entender que a compreensão da pós-modernidade como um fenômeno econômico, político e cultural é fundamental para que se perceba as formas que o capitalismo tardio tem de usar e mobilizar o passado no presente criando uma relação com a temporalidade que não permite

construções de projetos de futuro que almejem práticas democráticas, respeitando os direitos humanos e a justiça social. Por isso, é preciso entender compreender a função do historiador eticamente comprometido como aquela que realiza uma ruptura nas narrativas universalizadoras, escancara as feridas históricas (CHAKRABARTY, 1992) e possibilita uma construção de outros futuros e projetos de sociedade que não aqueles que corroborem com o sistema consumista do capitalismo tardio.

Referências

ADORNO, Theodor. **Dialética Negativa**. São Paulo: Zahar, 2009.

AVILA, Arthur. O que significa indisciplinar a história? In: AVILA, Arthur; NICOLAZZI, Fernando. TURIN, Rodrigo. (Org.). **A História (in)Disciplinada: Teoria, ensino e difusão de conhecimento histórico**. Vitória: Editora Milfontes, 2019.

BARCAN, Elazar. **Introduction: Historians and Historical Reconciliation** Source. *The American Historical Review*, Vol. 114, No. 4, Oxford University: American Historical Association Stable, 2009.

BARTHES, Roland. Morte do autor. In: **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BEVERNAGE, Berber & LORENZ, Chris. Breaking up Time. Negotiating the Borders between Present, Past and Future. **Storia della Storiografia**, vol. 1, n. 63, 2013. p. 31-50

BLOCH, Marc. **A estranha derrota**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2013.

CHAKRABARTY, Dipesh. The death of history: historical consciousness and the culture of late capitalism. In: **Public Culture**, v.4, n. 2. p. 47-65, 1992.

COLE, Michale; YERMAKOVA, Olena. Ukrainian Politics is Like a Box of Chocolates.... You Really Never Know What You're Gonna Get. **Populism in Central and Eastern Europe**, 2019. Disponível em: <<https://populism-europe.com/fatigue/news-and-events/ukrainian-politics-is-like-a-box-of-chocolates-you-really-never-know-what-youre-gonna-get/>> Acesso 08/11/2021

DE GROOT, Jerome. **Consuming history: historians and heritage in contemporary popular culture**. London and New York: Routledge, 2009.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da História e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GAIMAN, Neal. **Deuses americanos: a edição preferida do autor**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

GROSS, Jan Tomasz. **Vizinhos: a história do massacre dos judeus de Jedwabne, na Polónia**. Colares: Pedra da Lua, 2010.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autentica, 2013.

HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas de memória**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

HUYSSSEN, Andreas. **Present pasts: media, politics, amnesia**. In: Present Pasts: urban palimpsests and the politics of memory. Stanford: Stanford University Press, 2003.

JAMESON, Fredric. **El giro cultural: escritos seleccionados sobre el pós-modernismo 1983-1998**. Buenos Aires: Manatíal, 2002.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, EDUSC, 2001.

KRÜGER, Felipe. **A construção histórica na graphic novel V for Vendetta: aspectos políticos, sociais e culturais na Inglaterra (1982-1988)**. Pelotas: UFPEL, 2017.

LORENZ, Chris. Unstuck in Time. Or: the sudden presence of the past. In: TILMANS, Karin; VREE, Frank van; WINTER, Jay (Org.). **Performing the Past: memory, history, and identity in Modern Europe**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2010. p. 67-102.

MUNSLOW, Alun. **Desconstruindo a história**. Petrópolis: Vozes, 2009.

PALAHNIUK, Chuck. Clube da luta. 1ªEd. Editora Ieya. 2012.

PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdei. **Atualismo 1.0 - Como a ideia de atualização mudou o século XXI**. Ouro Preto: SBTHH, 2018.

REYNOLDS, Simon. **Retromania: Pop Culture's Addiction to Its Own Past**. London: Faber & Faber, 2011.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

TRAVERSO, Enzo. **Left-Wing Melancholia: Marxism, History, and Memory.** New York: Columbia University Press, 2017

TURIN, Rodrigo. **Tempos precários: aceleração, historicidade e semântica neoliberal.** Coleção pequena biblioteca de ensaios. Rio de Janeiro: Zazie Edições. 2019.

WHITE, Hayden. O passado prático. **Artcultura.** Tradução de Mario Marcello Neto, Felipe Radünz Krüger e Arthur Lima de Ávila. Vol. 20, n.37, 2018, pág. 9-19.

WILSON, Andrew. **Ukraine Crisis: What It Means for the West.** New Haven: Yale University Press, 2014.

Recebido em: 09 de novembro de 2021

Aceito em: 17 de novembro de 2022